RIBEIRINHAS NA FRONTEIRA CERRADO/AMAZÔNIA: UM ESTUDO DE PAISAGENS NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO – TO

RIPARIAN ON THE BORDER SAVANNAH/AMAZON: A STUDY OF LANDSCAPE IN THE REGION OF BICO DO PAPAGAIO – TO

LÍMITES RIBEREÑAS EN SAVANNAH/AMAZONAS: UN ESTUDIO DE PAISAJES EN LA REGIÓN DEL BICO DO PAPAGAIO – TO

Gleys Ially Ramos dos Santos
Geógrafa – Doutoranda em Geografia
Universidade Federal de Goiás/UFG/IESA/PPGG
Email: gleys-geo@hotmail.com

RESUMO
Este artigo surge com objetivo de discutir as relações que as mulheres ribeirinhas da região do Bico do Papagaio - TO têm com as paisagens que as cercam. Iniciamos com uma caracterização da área de análise, em seguida relacionamos as principais características ao modo de vidas das mulheres, investigando como ocorre essa interação com a paisagem e, por consequência com o território. Para que fosse possível entender a dinâmica das paisagens e das mulheres ribeirinhas nessa região, buscamos conciliar alguns conceitos sobre paisagem e território.
Palavras-chave: Ribeirinhas. Paisagem. Território. Cerrado/Amazônia.

ABSTRACT
This article appears in order to discuss the relationships that women's riverine region of the Bico do Papagaio - TO is the landscapes that surround them. We begin with a characterization of the area of analysis, then listed the main features of the way of women's lives, investigating how this interaction occurs with the landscape and consequently with the territory. For it was possible to understand the dynamics of riverine landscapes and women in this region, we combine some concepts about landscape and territory.
Keywords: Riparian. Landscape. Territory. Savannah/Amazon.

RESUMEN
Este artículo se publica con el fin de discutir las relaciones de la región ribereña de la mujer de Bico do Papagaio – TO, que los paisajes que las rodean. Comenzamos con una caracterización del área de análisis, a continuación, enumeró las principales características de la forma de vida de las mujeres, investigando cómo se produce esta interacción con el paisaje y, en consecuencia con el territorio. Para ello era posible entender la dinámica de los paisajes fluviales y las mujeres en esta región, que se combinan algunos conceptos sobre el paisaje y el territorio.
Palabras clave: ribereña. Paisaje. Territorio. Cerrado. Amazonas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as relações de mulheres ribeirinhas da região do Bico do Papagaio - TO com as diversas paisagens que fazem parte dos seus cotidianos. Os apontamentos iniciais visam, não apenas estabelecer uma relação com a paisagem, mas elucidar como estas paisagens tornam-se, de algum modo, território(s) dessas mulheres.

Ressaltamos que, esse cotidiano é preenchido pelas dimensões do trabalho, sendo as principais atividades: a pesca e a coleta dos cocos de babaçu e macaúba; a luta através das associações de pescadores e das quebradeiras de coco; a articulação de um movimento de mulheres da região; e as vivências como o lazer, os banhos no rio, as festas e as romarias, realizadas quase sempre à beira do Rio Tocantins.

Entendemos que essa discussão é uma forma de dimensionar pontos interessantes para a pesquisa geográfica na Amazônia Legal e na região Norte, pois ambas abrigam o Estado do Tocantins que, por sua vez, traz a região do Bico do Papagaio como um espaço de muitos contrastes geográficos, a titulo de exemplo, estar inserida no bioma Cerrado.

No que concerne à região Norte, não há outra maneira de iniciar uma discussão, sem admitir que a mesma seja ainda um território desconhecido. Ligado a todos os agentes e atores dessa região, esse desconhecimento é revelado tanto por pesquisadores como também pelos próprios habitantes.

Muitos atribuem o desconhecimento à vastidão de sua área, ou ao imenso território que a região se tornou nos últimos anos, como a inserção do Estado do Tocantins à região (Norte) e a definição de Amazônia Legal e suas (re)inserções de áreas que não pertencem aos domínios da região Norte (como, por exemplo, Mato Grosso e Maranhão).

Em se tratando da Amazônia, é interessante como algumas categorias geográficas, região e território, lugar e paisagem, território e lugar, dialogam entre si. No entanto, não traremos à tona todas estas nuances da vasta perspectiva de uma pesquisa geográfica, a partir de suas categorias, mas enfatizamos e focamos nossas análises sobre a paisagem na Amazônia, tomando por crivo a microrregião do Bico do Papagaio, localizada no extremo norte do Estado do Tocantins, a relação das mulheres ribeirinhas com as diversas paisagens e a maneira como estes espaços tornaram-se seu(s) território(s).

Pautados por uma provocação, optamos por elaborar um trabalho em que pudéssemos nos aproximar de uma visão holística sobre a pesquisa geográfica, a partir de suas categorias. Sendo assim, cabe mencionar que este trabalho constituiu-se como um desafio de elaboração bem como de

elucidação, sobretudo, porque escolhemos como principais categorias de análises a paisagem e o território.

Essa foi, justamente, uma das defesas de Bertrand (1971, p. 12), quando ele afirma "o valor da visão holística da paisagem, contrapondo-se à análise compartimentada, que é comumente encontrada na Geografia". E Raffestin (1993, p. 23) nos alerta para algo importante na pesquisa sobre território, "evidentemente o território se apoia no espaço, mas não é espaço. É uma produção, a partir do espaço".

Isso significa entender que a reprodução de vida dessas mulheres constitui muito além do que uma relação com a natureza, ela extrapola o âmbito do natural e passa a ser modo e meio de vida a partir das atividades ligadas ao campo/rural e ao extrativismo, nos levando a compreender que há uma relação com a paisagem, com região e com o território do Bico do Papagaio por parte dessas mulheres.

Assim, nas análises aqui propostas sobre a região do Bico do Papagaio, as ribeirinhas e as dimensões de paisagem e território, consideramos desde suas formas, ou seja, sua aparência visível, até os aspectos invisíveis, tendo em mente a relação dialética entre todos os seus elementos. Deste modo, buscamos trabalhar de forma interdisciplinar com intuito de ampliar os horizontes da pesquisa geográfica.

O esforço de um estudo sobre paisagem nessa região justifica-se pela diversidade, porque ao considerar a existência de uma fronteira entre o Cerrado e a Amazônia, a região do Bico do Papagaio torna-se um mosaico de paisagens que, além de diverso, traz consigo, relações com dois grandes biomas do mundo, que nem sempre são entendidas como fronteira.

Não é nossa intenção fazer um aprofundamento teórico-prático sobre fronteira, mas entendemos a área de estudo deste trabalho como fronteira, tal como é tratada por Gonçalves (2008, p. 21) que busca a etimologia da palavra onde fronteira "deriva de front, expressão do campo militar que significa um espaço que ainda está sendo objeto de luta, de desejos diversos, nos limites espaciais de duas forças em confronto aberto ou velado por afirmar seu controle.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E OS SEUS DIVERSOS CONTRASTES

A mesorregião do Bico do Papagaio, também conhecida como região Tocantina, compreende 66 municípios (25 no Pará, 16 no Maranhão e 25 no Tocantins) distribuídos em oito microrregiões, com área total de 140.109,5 km² e população de 1.436.788 habitantes. O que

constitui a região do Bico do Papagaio são os municípios do Estado do Tocantins, influenciados pelos rios Tocantins, Araguaia e seus respectivos afluentes.

A região está localizada no extremo norte do Estado do Tocantins, próximo à confluência dos rios Araguaia e Tocantins, suas principais bacias hidrográficas, e está delimitado a Oeste, com o Estado do Pará, e a Leste, com o Estado do Maranhão, ocupando uma área de 6.380,6 km². A região do extremo norte do Estado do Tocantins está inserida no ecossistema de mata de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, comumente chamado de pré-Amazônia ou zona de ocorrência de babaçuais, delimitada pelos rios Tocantins e Araguaia, como é possível observar na figura 1 a seguir.

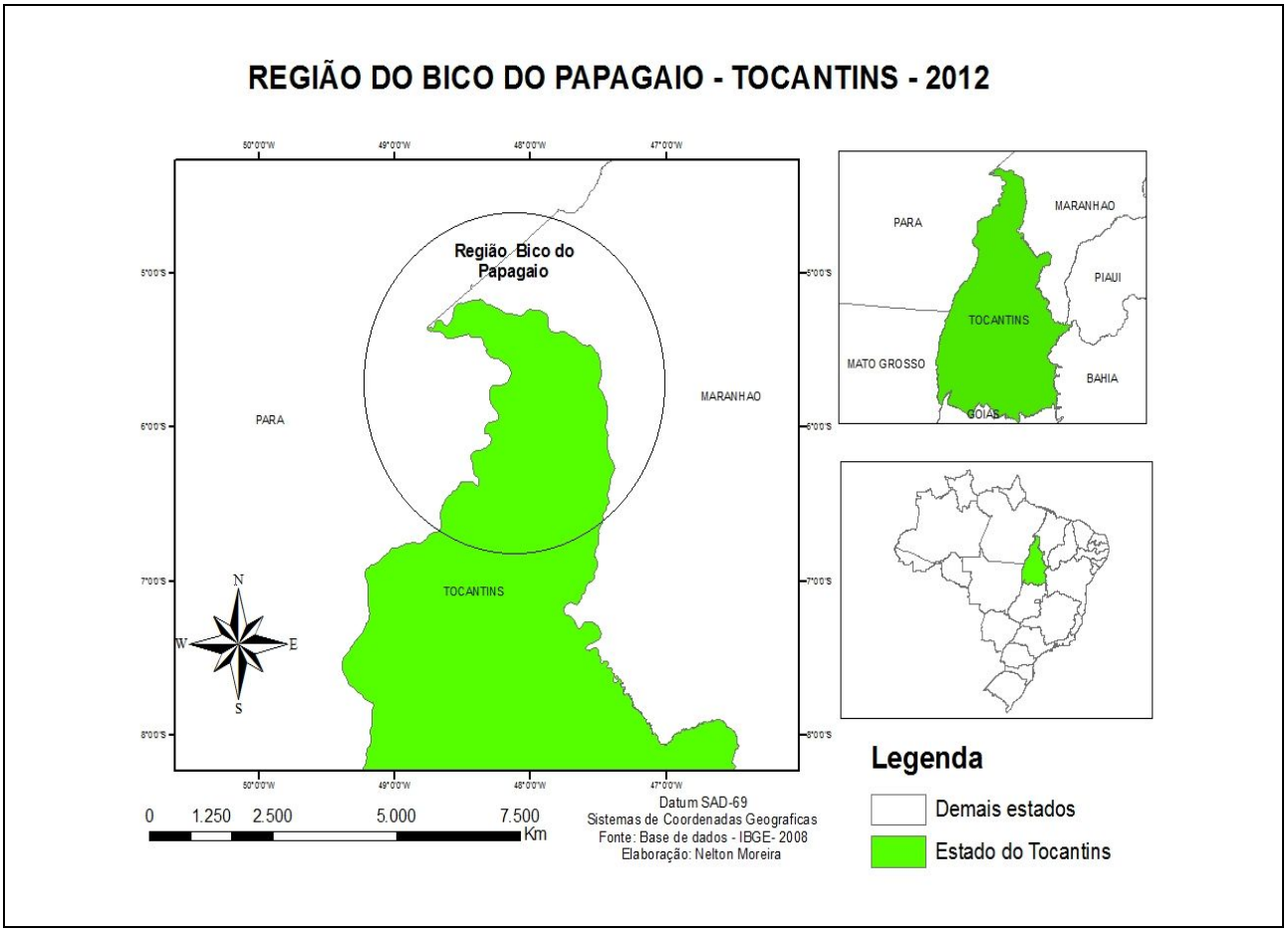

Figura 01 – Localização da área de análise

O clima é caracterizado como tropical úmido a sub úmido, com precipitação média anual de 1.500 mm, duas estações bem definidas: chuvosa (inverno, de outubro a abril) e seca (verão, de maio a setembro).

Do ponto de vista geológico, a região está situada na bacia sedimentar do Parnaíba. Cada município possui uma grande diversidade de solos que formam certos mosaicos. Ao longo dos rios Tocantins e Araguaia, encontram-se depósitos de aluviões, constituídos por cascalhos, areias, siltes e argilas. Em linhas gerais, podemos encontrar na região solos pobres, porém agricultáveis, podendo apresentar baixa fertilidade. Em relação à declividade, há variações médias entre 15% e 45%.

Comumente chamada de região do Bico, a Bico do Papagaio está localizada em uma área de transição entre dois grandes biomas: Cerrado e Floresta Amazônica, nos quais a ocorrência das características de ambos ocorre quase simultaneamente. No município de Axixá do Tocantins, por exemplo, encontramos o cerrado e em São Miguel do Tocantins a predominância de vegetações condicionadas por duas estações climáticas no ano: uma bastante chuvosa (verão) e outra fria (inverno).

Também é possível encontrar floresta ombrófila densa, caracterizada pela predominância de árvores provenientes de ambientes úmidos sem a presença de épocas secas durante todo o ano, apresentando um clima quente e pouca variação anual, e em um curto espaço floresta ombrófila aberta, que é uma floresta de transição da ombrófila densa, onde predominam palmeiras (Figura 2).

Figura 2 - Palmeiras Babaçu (*Orrbignya speciosa)*, típicas da região do Bico do Papagaio – TO. Foto: Chaves (2009).

Existem ainda áreas com maiores variações de temperaturas e uma maior quantidade de dias secos durante o ano. Entretanto,

> algumas destas vegetações foram modificadas devido aos intensos processos de uso da terra. Até a década de 70 a vegetação original encontrava-se conservada, com grande ocorrência de espécies arbóreas: mogno *(Switenia macrophylla)*, copaíba (*Copaifera spp.*), jacarandá (*Dalbergia spp.*), jequitibá (*Caraniana legalis*), sapucaia (*Lecythis usitata*), castanheira (*Bertholettia excelsa*), cupuaçu (*Thobroama grandiflorum*), bacaba (*Oenacarpus distichus Mar*), açaí (*Euterpe oleracea*), buriti (*Mauritia flexuosa*), buritirana, cacau bravo (*Theobroma speciosum*), pequi (*Caryocar brasiliense*), taturubá e animais silvestres tais como: várias espécies de tatu, veado, paca, onça, capivara, porco queixada, porco caititu, anta, ema, entre outros. (VOLL, 2009, p. 19).

Inseridas nesse ambiente, particularmente mais próximas ao rio Tocantins, as mulheres ribeirinhas da região do Bico estão diretamente ligadas à toda essa diversidade ambiental, diversidade essa intensificada pela composição interessante da presença tanto dos aspectos amazônicos, quanto do Cerrado brasileiro. E é a partir dessa diversidade que detectamos algumas formas dessas mulheres se relacionarem com as paisagens.

3 PAISAGENS, TERRITORIALIDADES... CONFLITOS?

A partir de sua caracterização física, podemos perceber que a diversidade é uma interessante característica da região do Bico do Papagaio que, por consequência, reflete nas paisagens que compõem esse espaço geográfico: um reflexo dos vários processos de transformação que atuaram nessa região, marcados por mudanças profundas e nem sempre passivas nas paisagens, ou seja, marcada pela presença do homem e de suas ações que transformam bruscamente a natureza em busca de recursos e de ambientes. Por outro lado, alguns aspectos dessa paisagem, que parecem obedecer a uma “ordem” natural, também são sínteses de transformações no espaço.

Por isso, é importante apontar alguns desses processos para entender a relação ou as relações que as ribeirinhas estabelecem com o ambiente, e mais especificamente com as paisagens que sofreram influências e transformações no espaço, espaço esse em que as ribeirinhas construíram e constroem seus cotidianos.

Esta região foi marcada por intensos conflitos agrários pela posse de terra, durante as décadas de 1970 a 1980, em que se opunham de um lado os trabalhadores rurais da região Nordeste do país (chamados de camponeses), principalmente, a população oriunda dos estados do Maranhão

e do Piauí. Esses trabalhadores chegaram a partir da década de 1950, em busca de terras devolutas, de fazendeiros e investidores da região Centro-Sul do país, que se apropriam de grandes extensões de terra para a prática da pecuária de corte, motivados pelos incentivos fiscais oferecidos pelo governo federal como forma de promover o crescimento econômico e a ocupação da Amazônia.

Embora não fosse um "polo de mineração" no país, essa região foi e ainda é uma área importante para a logística das mineradoras, principalmente àquelas situadas no Estado do Pará. A área é conhecida como o "corredor Carajás", por se tratar de uma das portas para o transporte dos minérios extraídos no Estado do Pará, e assiste ainda a um forte processo de "grilagem". As expropriações violentas das famílias dos agricultores(as), as perseguições e os assassinatos de posseiros emergem como práticas correntes nas áreas em questão.

A atividade da pesca por mulheres (muito forte na região) tem como uma das explicações os fortes conflitos, nos quais seus companheiros são assassinados ou ameaçados, restando às mulheres o sustento de suas famílias, sendo essa prática inibida também pelos fazendeiros da região.

Há relatos de ribeirinhas que tiveram que esconder no meio da mata "fechada" para não serem avistadas pelos jagunços. Segundo elas, nem mesmo a presença das mulheres era permitida ao longo dos rios e córregos porque elas também não estavam passivas aos processos de expropriação:

> Olha, eu já vi é coisa aqui dentro dessa mata. Mas nunca me aconteceu nada. Conheço isso aqui como a palma da minha mão. Sei onde é mata feia, sei onde é mata mansa, a gente aprende a lidar com isso aqui que chega um tempo que isso tudo aí vira quintal de nossa casa (RIBEIRINHA B, Entrevista Concedida à DIAS, 2005, p. 45).

A partir dessa fala da ribeirinha, entende-se a paisagem como um espaço intrínseco à vida cotidiana, pois, a paisagem parte sempre da dinâmica territorial como pré-condição para sua existência. Nesse sentido, tendemos a concordar com Saquet (2007, p. 142) quando ele afirma que "O território é um espaço natural, social e historicamente organizado e produzido e a paisagem é o nível do visível e percebido deste processo". Tal constatação, corrobora com o que Souza & Passos (2007) acreditam ser uma das dimensões do território:

> [...] emergindo do território, está a paisagem, que pode ser encarada como um conjunto de formas herdadas das diferenciações que se estabelecem conforme as particularidades da relação entre o homem e a natureza ao longo do tempo (SOUZA & PASSOS, 2007, p. 11).

Como resultante dessas interações e de resistências, as organizações sociais têm grande importância pela participação e envolvimento nas ações sobre a região do Bico, dentre as quais se destacam: associações comunitárias de trabalhadores(as) rurais; colônias de pescadores(as); grupos de mulheres; grupos de jovens, sindicatos de trabalhadores rurais e organizações de assessoria.

No que se refere às atuações e ações sobre o espaço, têm maiores destaques a Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP); a Comunidade Sete Barracas (CASB); a Associação de Mulheres do Buriti (AMB); a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais Quebradeiras de Coco Babaçu do Tocantins (AMTQC); o Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), entre outros.

Ao perceber a atuação forte das mulheres bem como das suas organizações e articulações, o Estado do Tocantins tomou algumas medidas para ajudar a população a vencer algumas dificuldades, sobretudo, àquelas ligadas ao ambiente, e instalou no município de São Miguel do Tocantins - TO a Secretaria da Mulher Rural Extrativista e o apoio do Estado para organizar algumas associações que hoje são muito importantes para a região, como a Associação das Pescadoras de Axixá do Tocantins e a Associação das Ribeirinhas da Região do Bico do Papagaio, que reforçaram a discussão no campo socioambiental, além da luta pela criação da reserva extrativista, unindo-se à Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais Quebradeiras de coco babaçu.

Para essas mulheres e suas respectivas organizações, a região do Bico do Papagaio ainda é um espaço natural, já que a vegetação, tanto do Cerrado quanto da Amazônia, continua “quase virgem”. Porém, nos relatórios de atuações entre as principais ações exercidas, a primazia era identificar o tipo de solo predominante em cada região, podendo definir quais as práticas de cultivo mais apropriadas em determinadas áreas, viabilizando assim o desenvolvimento da produção familiar.

Entendemos que, nem sempre, as marcas que imprimimos são facilmente percebidas e/ou que as pequenas transformações não são concebidas como intervenções no ambiente, já que a prática da agricultura é uma transformação sobre o espaço e parte integrante da paisagem. Assim:

> A paisagem se define, isto é, ela se descreve e se explica partindo das formas, de sua morfologia. As formas resultam de dados do meio ambiente natural ou são as consequências da intervenção humana imprimindo sua marca sobre o espaço. (SOUZA & PASSOS, 2007, p. 13).

Essas marcas ou transformações são percebidas na maior parte como aquelas com grandes mudanças (na vegetação, nos rios, entre outras), ou aquelas ligadas a fatores "naturais" como as climáticas. Algumas ribeirinhas, por exemplo, relataram a ocorrência de uma pequena (sensível) alteração do regime de chuvas (período chuvoso mais curto e pouco previsível em anos anteriores) bem maior e denso "nessa temporada" (2010-2011).

Outras transformações mais históricas, ligadas à economia, são percebidas, mas de alguma forma foram naturalizadas. Com a expansão da "fronteira agrícola" na região, a cobertura vegetal original foi profundamente modificada pela implantação de pastagens em mais de 1/3 da região e pelo surgimento de florestas secundárias homogêneas de babaçu, sucessora de grande parte das formações florestais.

Segundo Dias (2005), em meados da década de 1980, o acelerado processo de desmatamento da região começou a se tornar visível. De acordo com a estimativa de moradores mais antigos, algumas áreas possuíam mais de 50% da floresta original nessa época. Atualmente, resta cerca de 5% a 10% da vegetação original.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população da Amazônia Legal é de 104.095 habitantes, sendo que 60.327 habitantes residem na zona urbana e 43.768 habitantes moram na zona rural. Mas podemos estabelecer aqui uma relação interessante, tendo em vista que mais da metade dessa população dita urbana tem muitos hábitos do seu cotidiano ligados ao campo, como a plantação de roça, posse de pequenas chácaras e sítios muito próximos aos municípios, ou mesmo casas na cidade, mas trabalham no campo.

Trata-se de uma forma de aproximação, não somente com o campo, mas com a busca pela própria natureza, pelo que ela tem de "natural em si". O retorno ao campo tem como aspecto forte a busca pela natureza, pela simplicidade e pelo sossego, embora o campo, o rural, também reflitam transformações e mudanças no ambiente. Dias (2005) acredita na existência de uma relação passiva das ribeirinhas com o ambiente e afirma que:

> As mulheres [ribeirinhas] mantêm com a natureza que as cerca, marcada pela presença dominante dos babaçuais e pela abundancia de água, um modo de relação que se aproxima do perspectivismo, em que natureza e cultura se encontram sem uma hierarquia dicotômica de influência entre ambas. [...] Relação esta pautada pelo uso comum dos recursos naturais para a sobrevivência das comunidades locais, que agregam valor à matéria-prima e constroem novas relações comerciais e de auto-afirmação. Estas novas relações podem ser consideradas simbólicas e referenciais para uma nova forma de acesso e uso dos recursos naturais. (DIAS, 2005, p. 43).

Essa relação passiva, citada por Dias (2005), parece excluir a paisagem enquanto resultado das relações, das interações entre os aspectos naturais e sociais, como é comum analisarmos em abordagens territoriais. E relacionando essas análises ao território, Saquet (2007, p. 142) assegura que:

> O território é chão, formas espaciais, relações sociais, e tem significados; produtos de ações históricas (longa duração) que se concretizam em momentos distintos e superpostos, gerando diferentes paisagens.

Entendemos assim, que o território é também interação. A interação homem/meio não é uma ação passiva, ao contrário, ela tende a ter consequências em escalas de tempo indefinidas. É preciso entender que paisagem não é uma simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Essa relação dialética com o espaço foi percebida neste trabalho com as mulheres ribeirinhas da região do Bico do Papagaio - TO.

4 O AMBIENTE E AS RIBEIRINHAS: AS RELAÇÕES QUE SE TEM...

Uma definição de ambiente adotada é que este se constitui do conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera como um todo ou em parte desta, abrangendo elementos do clima, do solo, água e de organismos, e por meio do ambiente a soma total das condições externas e circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe. O meio ambiente não é um termo exclusivo: os organismos podem ser parte do ambiente de outro organismo.

Fronteira, portanto, não pode ser entendida como limite (físicos ou simbólicos), mas como elo entre espaços distintos, como o encontro e também o confronto entre ambientes, cujas ribeirinhas fazem parte desse meio. Essa fronteira Cerrado/Amazônia traz traços marcantes para as ribeirinhas, já que o conjunto que caracteriza esses biomas é parte tanto do cotidiano quanto das vivências. Esse espaço de vivências, que tem o rio Tocantins como um dos principais “suportes” para essa sobrevivência, foi conquistado a partir de lutas para viver e sobreviver.

As paisagens fazem parte dessas vivências e sobrevivências, do Rio Tocantins, das matas de palmeiras, da mata fechada. E se houve luta para permanência nesse ambiente, está claro que para essas ribeirinhas a região do Bico do Papagaio constitui também um de seus territórios.

É comum, na maioria das análises sobre a região do Bico do Papagaio – TO, haver uma dissociação entre a Amazônia e o Cerrado, como se a região existisse por si só, ou como se sua existência independa das características que lhe compõem (Amazônia, Cerrado e até a Caatinga). É preciso estar atento para o que isso possa vir a significar.

As análises sobre a formação física e social parecem decompor a região para depois analisá-la, ou seja, se analisa as relações, mas retiram-se seus moradores como componentes desta interação. Interação dinâmica, já que estão entre ou dentro da Amazônia ao mesmo tempo em que estão em uma área de Cerrado. Contudo, novos olhares estão sendo lançados para sanar a visão que separa o homem e o meio, que retira as ribeirinhas do rio para analisar um ou o outro.

Uma das preocupações mais recentes da Geografia é com a construção de uma conceituação de território, que leve em consideração a ação de seus atores, o ser humano em sociedade como promotor de transformações na via do sistema econômico, da política e no estabelecimento de instituições.

Para repensar as questões relativas ao território há, também, a necessidade de incluir a natureza enquanto uma de suas partes integrantes, evitando, assim, cair numa redução do conceito a ecossistemas regidos por leis naturais.

Nesse sentido, o território nos é colocado como conteúdo, meio e processo das relações sociais (alteridade) e das relações de exterioridade (homem-natureza), tela em que se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades (SAQUET, 2007).

Essa parece ser uma das realidades (ou condições) vividas pelas ribeirinhas, o que significa falar de diversas práticas que essas mulheres fazem no seu *lócus*, que vão desde a extração do coco babaçu e macaúba, até a mobilização a partir de associações e sindicatos para melhoria da condição de vida, sem deixar de evidenciar a ligação dessas mulheres com os rios, sobretudo o Tocantins.

Segundo Porto-Gonçalves (2008, p. 128), são novas as identidades coletivas surgidas do léxico político brasileiro, emanado de velhas condições sociais e étnicas, como é caso das populações indígenas ou negras, ou remetendo-se a uma determinada relação com a natureza (seringueiro, castanheiro, pescador, mulher quebradeira de coco) ou ainda, expressando uma condição derivada da própria ação dos projetos recém-implantados (“Atingido”, “Assentado”, “Deslocado” ou “Pela Sobrevivência na Transamazônica”).

Ao falarmos das mulheres da região do Bico do Papagaio, percebemos que ser evidenciada como Mulheres Quebradeiras de Coco é um lugar comum. Esta evidência está presente nas literaturas e produções realizadas na região, em *sites* de pesquisas, em congressos da área (gênero, sobre a região Amazônica etc.).

A constituição de uma identidade importa porque traz à tona sujeitos que até então não tinham visibilidade ou não tinham expressão para pesquisas científicas consideradas "tradicionais". E também porque traz consigo parte da história dos moradores locais dessa região. Contudo, ainda não é suficiente.

A presença dessas mulheres não está somente ligada aos babaçuais da região. Existe uma ligação muito forte com os rios, a pesca, a agricultura e outras formas de busca pela sobrevivência. Partindo disso, podemos relacionar essas vivências com as práticas no espaço e evidenciar, por exemplo:

- **As mulheres quebradeiras de coco**: estão próximas das regiões mais frias e mais extremas ao norte do Bico do Papagaio - TO. A principal atividade é a coleta do coco babaçu e a venda de seus subprodutos (óleo, artesanato, coco *in natura* etc.). A paisagem dos babaçuais é, para algumas mulheres, uma paisagem dura como é possível perceber na fala da Ribeirinha B:

> A gente sofre um pouco. Porque basta dizer que se você vai quebrar coco, você está arriscando tudo, é cobra, é levar um estrepada, é furar até olho porque você vai no mato e quando pensa que não você barra o olho no pau, o espinho fura o olho da gente. De bom o que tem é que a gente pra viver tem que lutar, porque a gente não quer pegar no que é alheio. E pra você ter aquilo, pra não precisar tá na casa do vizinho: 'me arruma isso, me arruma aquilo', você tem que se obrigar a trabalhar, vencer o mato, vencer a agua, vencer o medo, porque eu caço, pesco e planto, e é isso que eu venho fazendo. Criei meus filhos tudinho quebrando coco. (Entrevista Concedida à DIAS, 2005, p. 45).

- **Mulheres pescadoras (ribeirinhas):** estas mulheres, na maioria dos casos, moram próximas aos rios. No entanto, a prática da pesca não é feita nas margens próximas a suas casas, elas passam horas e até dias pescando "longe" de suas casas. A proximidade com o rio ajuda nas tarefas domésticas, no banho dos filhos, e por estarem perto ou próximo aos campos de babaçuais. É muito comum a presença de mulheres lavando trouxas de roupas ao longo do rio com sabão produzido do coco babaçu ou do pequi, sempre cantando cantos de

quermesses ou cantigas locais, que revelam sua relação com o ambiente em que estão inseridas e descreve os fenômenos como:

Canoeiro, canoeiro,
pega o jacumã...
Rio Tocantins vai enchendo
Vai enchendo, vai enchendo
assim

Da beira do rio vai embora
seu Joaquim
Vai embora mestre André,
tia Júlia e Sinhazinha

Vai embora Mestre João, Zé
de Benta e Bastião...
Vai embora Mané Pedro,
vai levando no surrão
Sete Filhos, sete sinas

Mãos vazias e pés no chão:
querubins

Vai embora Mané João,
Vai levando no matulão

Sete estradas sete dores
Nos calos das suas mãos:
pecadoras
Vai embora quem quiser

E quem não quiser também
Essa enchente não respeita

A patente de ninguém,
Capitão:
Capitão do Mato
Vai embora quem quiser
E quem não quiser também
Essa enchente não respeita
Latifúndio de ninguém,
coronel:

Coronel de engenho...

Vai embora pro sertão
Vai com o coração na mão
Os terém ficou pra trás

Pois a água já deu no oitão
Água boa, já deu no oitão
Água clara já deu no oitão
Água suja...

Canoeiro, canoeiro,
canoeiro, pega o jacumã

Figura 3 – Mulheres pescando no Rio Tocantins – Filadélfia (TO). Foto: Santos (2010)

- **Mulheres camponesas ou agricultoras:** essas mulheres estão mais engajadas em lutas políticas a favor da posse de terra para os camponeses e as camponesas da região

do Bico do Papagaio - TO. Suas reivindicações estão no perímetro urbano, mas moram no campo. Lutam por assentamentos rurais, porque segundo algumas mulheres "elas não se veem morando na cidade, porque toda a sua vida foi no campo". Costumam relacionar o conceito de natureza ao campo (rural) bem como a noção de simplicidade e de segurança. Além da prática da agricultura, essas mulheres também utilizam os rios para a pesca e o plantio de suas "roças"; também praticam a coleta e venda do coco babaçu. Suas atividades são sazonais e estão segmentadas e organizadas da seguinte forma (Tabela 1):

Tabela 1 - Calendário de produção agrícola e extrativista no extremo norte do Tocantins - Bico do Papagaio

Atividade Divisão do Trabalho	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**
Roça	**Capina** (homem, mulher e filhos) **Faz farinha** (mulher e filhos) **Planta/arroz** (homem)	**Capina e 2º limpeza** (Homem, mulher e filhos) **Faz farinha** (mulher) **Roça pasto** (homem)	**Colheita de arroz e feijão** (Homem, mulher e filhos) **Faz farinha** (maioria jovens)	**Colheita de arroz e feijão** (Homem, mulher e maioria de jovens e crianças)	**Colheita final de arroz** (Homem, mulher e filhos) **faz farinha** (Homem)	**Colheita do Feijão Broca** (Principal Mulher e filhos eventualmente Homem e jovens)	**Colheita do Milho** (Mulher) **Derrubada e limpeza da Mandioca Broca** (Homem) **Faz farinha** (Jovens) FÉRIAS	**Colhe fava** (Mulher) **queima e escoivara** (Homem) **Derruba e faz farinha** (Jovens) **Crianças levam comida na roça*	**Farinhada** (Mulher) **queimada escoivar** (Homem) **roçar pasto e plantar** (Jovens com ajuda da Mulher)	**Plantamandioca e feijão** (Homem, Mulher e Filhos)	**Plantamandioca, milho, arroz e feijão** (Homem, mulher e filhos)	**Plantamandioca, arroz e feijão** (Homem, mulher e filhos) **1º limpeza** (Homem e filhos) **faz farinha** (Filhos)
Babaçu	**Junta coco** (Homem) **Quebra coco** (Mulher) **Faz carvão e óleo** (filhos)	**Faz carvão** (Homem, mulher e filhos) **Faz óleo** (Mulher) *Filhos só estudam	**Faz carvão** (Homem, mulher e filhos) **Faz óleo** (Mulher)	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos + estudo)	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos) **homem ajuda na coleta uma vez por semana*	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos) **homem ajuda na coleta uma vez por semana*	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos) **homem ajuda na coleta uma vez por semana*	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta**	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher)	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos)	**Quebra intensiva de coco** (Mulher) **Faz óleo e carvão** (Mulher) **Faz coleta** (Filhos)	**Faz carvão e óleo** (Mulher) **Como diminue a quebra o filhos ficam só por conta dos estudos)*

Org: A autora (Santos, 2012)

5 CONSIDERAÇÕES?

Sim, temos algumas considerações.

As abordagens sobre paisagem neste trabalho estão ligadas às territorialidades das mulheres ribeirinhas na região do Bico do Papagaio - TO, e por essa região oferecer condições de vida, de construção de vivências e de um cotidiano de forma não passiva, fica claro que o conjunto dessas paisagens e de territorialidades constitui um território para essas mulheres.

A partir desta constatação, nos apoiamos em Raffestin (1993) e em sua análise sobre o território, entendendo o espaço como lócus da produção e reprodução da vida. Não visualizamos o território em detrimento do espaço, mas que este precede o espaço, enquanto dimensão do social.

É dessa dimensão que entendemos a fragilidade em que se encontram as mulheres ribeirinhas, uma vez que inseridas no lócus de conflitos fundiários (agrícolas e agrários) essas mulheres tem muito a oferecer como resistência (suas vivencias, suas territorialidades, suas atividades, et.), mas até que ponto o conflitos nessa região toma por crivo tais relações com a terra? Acreditamos que a resistência existe e pode ser um fator favorável às essas mulheres, justamente por essa interação das relações que se tem com o território e com a paisagem.

Quanto à paisagem, esta nos fornece as informações da permanência socioeconômica e cultural do território, e vai muito além do que aquela velha definição do visível, do recorte ocular.

Fazendo a relação com a paisagem, alguns aspectos do modo de vida das ribeirinhas estão ligados diretamente com a configuração do espaço. O fato de estarem entre duas importantes bacias hidrográficas permite que essas mulheres tenham boas relações com os rios abundantes.

Essas relações podem ser explicadas pela pouca possibilidade da prática da agricultura, de modo geral, uma vez que depósitos de aluviões, constituídos por cascalhos, areias, siltes e argilas não são tão favoráveis às plantações diversas e necessárias. Sendo assim, não tendo como plantar algumas espécies de alimentos essas mulheres recorrem ao rio para a pesca e à caça para complementar a carência de alimentos e/ou a renda, possibilitando a compra de outros mantimentos.

É a combinação hídrica e de solos mais resistentes, juntamente com a erosão, que contribuem para a ocorrência dos babaçuais, considerados uma alternativa na economia das

mulheres. A produção de inúmeros produtos por meio do coco babaçu é importante e de certa forma “segura”, devido a grande ocorrência de babaçuais na região.

Nos dias de hoje, as áreas devastadas pelas pastagens também são ocupadas pelas palmeiras. Essas áreas são utilizadas para a agricultura de arroz, feijão, mandioca e batata, e também para o plantio de leguminosas, porém, essas áreas são sazonais, pois, obedecem aos períodos de cheia e seca dos rios. É comum o plantio em vazantes, principalmente ao longo do rio Tocantins.

Diante disso, entendemos que as mulheres se relacionam de forma harmoniosa com as paisagens em que estão inseridas. A paisagem é ao mesmo tempo *lócus* de trabalho, de lutas, de lazer, isto é, de múltiplas vivências.

É a relação das ribeirinhas com o mosaico de paisagens na região do Bico do Papagaio - TO que torna esse espaço tão importante. O território das mulheres ribeirinhas, as inúmeras paisagens, que não pertencem a nenhum domínio, bioma ou vegetação, nos é revelado na descrição de suas vivências. Essas paisagens são parte da vida dessas mulheres e manifesta, ao mesmo tempo, o modo de vida e a maneira como é reproduzido.

De fato, estudar paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método. Contudo, fizemos um esforço de analisar as relações de mulheres ribeirinhas com as paisagens da região do Bico do Papagaio, e com isso fugimos da descrição, tão recorrente nas análises de paisagens.

Diante do exposto, concordamos com os estudos de Passos (2000) de que as divisões em território e/ou comunidades já constituem critérios essenciais (da taxionomia) das paisagens.

6 REFERÊNCIAS

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. In: **Caderno de Ciências da Terra,** n. 13, p. 1-27, 1971.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Mulheres de fibra:** as estratégias das quebradeiras de coco no Tocantins como um marco empírico para o desenvolvimento sustentável. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente), UFT, 2005. No prelo.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PASSOS, Messias M. A Conceituação da Paisagem. In: **Formação, Presidente Prudente,** nº7, 2000. p. 131-141.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. Geossistema Território e Paisagem - Método de Estudo da Paisagem Rural sob a Ótica Bertrandiana. In: **Geografia** - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/>. Acesso em: 11 nov. 2011.

RAFFESTIN, Claude. O que é o Território? In: **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993. p. 144-220.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA, Reginaldo José; PASSOS, Messias Modesto. Algumas Reflexões Sobre o Território Enquanto Condição para a Existência da Paisagem. In: **Programa de Pós-graduação em Geografia da FCTUNESP**, Campus de Presidente Prudente, 2º semestre, 2007.

VOLL, Elaine. Carta de Vulnerabilidade Natural da Região do Bico do Papagaio – TO. In: **Carta do Bico**, UFMG: 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br >. Acesso em: 12 dez. 2011.